

1) Buffon, *História Geral dos Animais*, cap. III: Da nutrição e do desenvolvimento

Eis aqui uma segunda questão: qual pode ser a potência ativa que faz essa matéria orgânica penetrar no molde interior e se juntar, ou melhor, se incorporar intimamente com ele! Parece, pelo que dissemos no capítulo precedente, que existe na natureza forças, como a da gravidade, que são relativas ao interior da matéria, e que não têm relação alguma com as qualidades exteriores dos corpos, mas se agitam em suas partes mais íntimas e os penetram de todos os lados; essas forças, como provamos, não poderão jamais se mostrar a nossos sentidos, porque, como sua ação se faz no interior dos corpos, e como nossos sentidos só podem representar aquilo que se faz no exterior, elas não são do gênero de coisas de que possamos nos aperceber; para isso seria preciso que nossos olhos, em vez de nos representar as superfícies, fossem organizados de modo a nos representar as massas dos corpos, e que nossa vista pudesse penetrar na estrutura deles e na composição íntima da matéria; é, portanto, evidente que jamais teremos ideia nítida dessas forças penetrantes, nem da matéria em que agem; mas, ao mesmo tempo, não é menos certo que elas existem, que é por meio delas que se produz a maior parte dos efeitos da natureza, e que devemos em particular lhes atribuir o efeito da nutrição e do desenvolvimento, pois que estamos seguros de que ele não pode se realizar senão penetrando intimamente na matéria; pois, assim como a força de gravidade penetra o interior de toda matéria, assim também a força que impele ou atrai as partes orgânicas da nutrição penetra no interior dos corpos organizados, e os faz entrar ali por sua ação; e como esses corpos têm uma certa forma que chamamos de molde interior, as partes orgânicas impelidas pela ação da força penetrante não pode nela entrar senão numa certa ordem relativa a essa forma, o que, por conseguinte, não pode modificá-la, mas somente aumentar todas as dimensões, tanto exteriores quanto interiores, e seu desenvolvimento; e se nesse corpo organizado que se desenvolve por esse meio ocorre uma ou mais partes semelhantes ao todo, essa parte ou essas partes, de que a forma interior e exterior é semelhante à do corpo inteiro, serão as que realizarão a reprodução.

Eis-nos diante da terceira questão: não é por uma potência semelhante que o próprio molde interior se reproduz! Não somente é uma potência semelhante, mas parece que é a mesma potência que causa o desenvolvimento e a reprodução; pois basta que no corpo organizado em desenvolvimento haja alguma parte semelhante ao todo para que essa parte possa um dia se tornar ela mesma um corpo organizado semelhante àquele de que faz atualmente parte; no ponto em que consideramos o desenvolvimento do corpo inteiro, essa parte, de que a forma interior e exterior é semelhante à do corpo inteiro, não apresentará a nossos olhos uma figura sensível que possamos comparar atualmente com o corpo inteiro, mas se a separamos desse corpo e se ela encontrar alimento, ela começará a se desenvolver como corpo inteiro, e nos oferecerá logo uma forma semelhante, tanto no exterior como no interior, e se tornará, por esse segundo

desenvolvimento, um ser da mesma espécie que o corpo do qual ela terá sido separada; assim, nos salgueiros e nos pólipos, como há mais partes orgânicas semelhantes ao todo do que às outras partes, cada pedaço de salgueiro ou de pólipo que se retira do corpo inteiro, se torna um salgueiro ou um pólipo mediante esse segundo desenvolvimento. (HN, II, pp. 46-47)

2. Kant, *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, trad. de Vinícius de Figueiredo, Campinas: Papirus, 2000, pp. 58-59.

Talvez, a partir desses conceitos, sejamos capazes de compreender algo acerca dos efeitos tão diferentes que o aspecto de uma mesma mulher produz sobre o gosto dos homens. Uma vez que está fora da circunscrição do gosto refinado, não me ocupo aqui daquilo que, nessa impressão, se refere muito de perto ao impulso sexual, e que concorda com a particular ilusão *voluptuosa* de que se reveste o sentimento de cada um. Talvez o senhor Buffon esteja certo ao supor que aquela figura que deixa a primeira impressão quando esse impulso é ainda recente e começa a se desenvolver, permanece o arquétipo, ao qual devem conformar-se no futuro todas as imagens femininas [...] No que diz respeito a um gosto algo mais refinado, afirmo que aquela espécie de beleza que denominamos *bela figura* é apreciada de maneira assaz uniforme por todos os homens, e que sobre ela as opiniões não são tão diferentes como em geral se sustenta. As moças circassianas e georgianas sempre foram tidas, por todos os europeus que percorreram os seus países, como as mais bonitas. Os turcos, os árabes e os persas devem estar bem de acordo com esse gosto, pois se mostram ansiosos em embelezar seus próprios povos por meio de sangue tão refinado; observa-se, também, que isso já foi atingido pela raça persa.

3. Escala dos animais

Os animais que mais se assemelham ao homem por sua figura e por sua organização serão portanto, a despeito dos apologistas dos insetos, mantidos nas posição em que estavam, de serem superiores a todos os outros pelas qualidades interiores; e, ainda que sejam infinitamente diferentes das dos homens, que sejam apenas, como provamos, resultados do exercício e da experiência do sentimento, esses animais são, por essas mesmas faculdades, muito superiores aos insetos; e como tudo se faz e que tudo existe por nuances na Natureza, podemos estabelecer uma escala para julgar os graus das qualidades intrínsecas de cada animal, tomando por primeiro termo a parte material do homem e colocando sucessivamente os animais a diferentes distâncias, conforme efetivamente se aproximem ou se distanciem mais ou menos dele, tanto pela forma exterior como pela organização interna; de modo que o macaco, o cão, o elefante e os outros quadrúpedes estarão na primeira posição [*rang*]; os cetáceos, que, como

os quadrúpedes e os homens, têm carne e sangue, que são vivíparos como eles, estarão na segunda posição; os pássaros, na terceira, porque, no fim das contas, eles diferem dos homens mais que os cetáceos e que os quadrúpedes; e, se não houvesse seres que, como as ostras e os pólipos, parecem dele diferir tanto quanto possível, os insetos seriam, com razão, os animais da última posição. (“Discurso sobre a natureza dos animais”. *História natural dos animais*, IV, 1753. *Oeuvres*, p. 489)

4. A beleza clássica e a superioridade do homem:

Mas como o homem não é um simples animal, como sua natureza é superior à dos animais, devemos nos dedicar a demonstrar a causa dessa superioridade, e estabelecer, por meio de provas claras e sólidas, o grau preciso dessa inferioridade da natureza dos animais, a fim de distinguir o que pertence apenas ao homem daquilo que lhe pertence em comum com o animal.” (“Discurso sobre a natureza dos animais”. *História natural dos animais*, IV, 1753. *Oeuvres*, p. 432)

4.1. Superioridade do homem, proximidade com o divino

Tudo anuncia, nesses dois senhores da natureza [homem e mulher], tudo marca no homem, mesmo pelo exterior, a sua superioridade sobre todos os seres vivos; ele se mantém ereto e elevado, sua atitude é de comando, sua cabeça olha o céu e apresenta uma face augusta sobre a qual está impresso o caráter de sua dignidade; nela, a imagem da alma está pintada pela fisionomia, a excelência da sua natureza atravessa seus órgãos materiais e anima com um fogo divino os traços de seu rosto; seu porte majestoso, seu andar firme e audaz anunciam sua nobreza e sua posição [*rang*]; ele toca a terra apenas com suas extremidades mais distantes, ele não a vê senão de longe, e parece desdenhá-la; os braços não lhe são dados para servir de pilares de apoio para a massa de seu corpo, sua mão não deve calcar a terra e perder, por fricções reiteradas, a fineza do tato, da qual ela é o órgão principal; o braço e a mão são feitos para servir a usos mais nobres, para executar as ordens da vontade, para apanhar as coisas distantes, para afastar

os obstáculos, para prevenir os encontros e choque do que é prejudicial, para abraçar e reter o que pode dar prazer e colocá-lo ao alcance dos outros sentidos. Quando a alma está tranquila, todas as partes do rosto estão num estado de repouso, a proporção, a união, o conjunto delas ainda marcam bastante a doce harmonia dos pensamentos e respondem à calma do interior; mas quando a alma está agitada, a face humana se torna uma pintura viva, onde as paixões são representadas com tanta delicadeza quanto energia, onde cada movimento da alma é expresso por um traço, cada ação por um caractere, cuja impressão viva e rápida se adianta à vontade, nos revela e traz para fora, pelos sinais patéticos, as imagens de nossas agitações secretas. (*História natural do homem*, Da Idade Madura, Descrição do Homem. II, 1749. *Oeuvres*, p. 237)

4.2. A “bela natureza”

Nada se observou de perfeitamente exato no detalhe das proporções do corpo humano; não somente as mesmas partes do corpo não têm as mesmas dimensões proporcionais em duas pessoas diferentes, mas frequentemente, na mesma pessoa, uma parte não é exatamente semelhante à parte correspondente; por exemplo, frequentemente o braço ou a perna do lado direito não tem exatamente as mesmas dimensões que o braço ou a perna do lado esquerdo, etc. Foram necessárias, portanto, observações repetidas durante muito tempo para encontrar a mediania [*milieu*] entre essas diferenças, a fim de estabelecer, ao certo, as dimensões das partes do corpo humano, e dar uma ideia dessas proporções que constituem aquilo que se chama de bela natureza: não foi pela comparação do corpo de um homem com o de outro homem, ou pelas medidas tomadas atualmente de um grande número de sujeitos, que se pôde adquirir esse conhecimento, foi pelos esforços que se fizeram para imitar e copiar exatamente a Natureza, é à arte do desenho [*dessein*] que se sabe tudo o que se saber nesse gênero, o sentimento e o gosto fizeram aquilo que a arte mecânica não podia fazer; deixou-se de lado a régua e o compasso para se ater ao golpe de vista, realizaram-se no mármore todas as formas, todos os contornos de todas as partes do corpo humano, e se conheceu melhor a Natureza pela representação do que pela própria Natureza; desde que houve estátuas, julgou-se melhor a perfeição delas ao vê-las do que ao medi-las. Foi graças a um grande exercício

da arte do desenho e a um gosto delicado que os grandes escultores chegaram a fazer sentir aos outros homens as justas proporções das obras da Natureza; os antigos fizeram estátuas tão belas, que, de comum acordo, foram vistas como a representação exata do corpo humano mais perfeito. Essas estátuas, que não passavam de cópias do homem, se tornaram originais, porque não feitas a partir de um só indivíduo, mas da espécie humana inteira bem observada, e tão bem vista, que não se pôde encontrar nenhum homem cujo corpo fosse tão bem proporcionado quanto essas estátuas; foi, portanto, desses modelos que se tiraram as medidas do corpo humano, e nós os referiremos aqui tais como dadas pelos desenhistas. (História natural do homem. II, 1749. *Oeuvres*, p. 255)